



FORUM MUNICIPAL LUÍSA TODI - SETÚBAL, SEGUNDA-FEIRA, 23 DE OUTUBRO, DE 2023 - 21H00



“O Costa do Castelo”, de Arthur Duarte (1943)

Realização: Arthur Duarte; Argumento João Bastos e Fernando Fragoso a partir da peça de teatro homónima de João Bastos; Direcção de Fotografia: Aquilino Mendes; Assistente geral: Silva Araújo; Cenários: Raul Faria da Fonseca; Decoração: Antero Faro, Raul de Campos; Música: Jaime Mendes; Música da canção: António Melo; Letras das canções: João Bastos; Montagem: Jacques Saint-Leonard; Assistente de montagem: Regina Froes; Som: Sousa Santos

Com António Silva (Simplicio Costa), Maria Matos (Mafalda da Silveira), Milú (Luisinha), Fernando Curado Ribeiro (Daniel), Manuel Santos Carvalho (Simão), Teresa Casal (Isabel), Hermínia Silva (Rosa Maria), Maria Olguim (Rita), João Silva (Januário), Luís de Campos (Gastão), António Sacramento (Firmino), Isabel de Carvalho (Deolinda), Vital dos Santos (Jacob, o prestamista), Mendonça de Carvalho (Miranda, o médico), Dina Salazar (Dininha), Virgínia Noronha (fadista), Loubet Bravo (cantor da rua)

Duração: 126 minutos

Estreia: São Luiz a 15 de Março de 1943.



Crónica de Amores

Activamente desfrutado e aplaudido, “O Costa do Castelo” continua a demonstrar o talento de Arthur Duarte para as obras de fundo. Ao mesmo tempo, reafirma-se ainda o sortilégio que transmite ainda a comédia à portuguesa.

“O Costa do Castelo” é uma crónica de amores comprometidos (a jovem empregada e o aristocrata) ou frustrados (a fidalga e o aventureiro), que acabam na melhor das harmonias e inteira felicidade. Lamechice e alienação, sublinham uns; segundo outros, mordaz jovialidade e triunfo do otimismo!

José de Matos-Cruz



Valor espetacular

Em quase cem por cento dos casos. A preocupação dominante do leitor de críticas aos filmes portugueses é indagar se o jornalista considera a fita em questão melhor ou pior que as anteriores, no que diz respeito às qualidades espetaculares primárias, ou seja, as que mais depressa chegam à maior parte dos espectadores. Mas, como em regra geral um espetáculo cinematográfico não deve ser classificado levando apenas em linha de conta essas qualidades primárias, raras vezes o crítico tem o ensejo de satisfazer tão prontamente a curiosidade do leitor.

O valor de “O Costa do Castelo” afigura-se-nos nitidamente superior ao nível médio da produção nacional. Ao filme não faltam os atractivos característicos dos mais significativos êxitos portugueses de bilheteira: uma boa história, com inúmeros momentos de franca hilaridade, e nomes consagrados no elenco. O Público ri a bom rir com o pitoresco de muitas situações, com o diálogo frequentemente feliz e, sobretudo, com os excelentes comediantes Maria Matos e António Silva. Se o êxito pode medir pelas gargalhadas do público, “O Costa do Castelo” é um grande êxito.

A direção de “O Costa do Castelo” patenteia conhecimentos técnicos e uma engrenagem complicada dos trabalhos de “plateau”. Só o profissional competente, senhor dos segredos do seu ofício, consegue resolver tão satisfatoriamente os diversos problemas de ordem técnica que se apresentam a todo momento. As marcações não deslustram. Quem as subscreve, e, de uma maneira geral, as figuras movem-se consoante as exigências da acção sem erros de palmatória.

Raul Faria da Fonseca



Ação bem portuguesa

A fabulação deve-se à inesgotável veia humorística de um valor consagrado entre os maiores comediógrafos da sua geração: João Bastos. Quem viu a sua obra representada no Politeama pela companhia da eminente actriz Maria Matos, fica surpreso com a versão cinematográfica. É que esta, além de conservar a graça e o espírito original, acusa outra desenvoltura espetacular mais variada, com largas e graciosas perspectivas. Os seus tipos continuam amenos, amáveis e familiares, entrelaçando situações flagrantes de realidade.

A adaptação da comédia à tela tem a defendê-la o prestígio e o belo espírito humorístico de João Bastos, que escreveu os versos e os diálogos e a presença a seu lado de Fernando Frago, outro valor consagrado nas lides cinematográficas em trabalhos similares. A sua colaboração, que foi brilhante, está expressa no tratamento das sequências da história, cuja harmonia verificada entre todos os planos e ligações resulta na hábil interferência.

Bem portuguesa pelo conteúdo e pela tonalidade pitoresca e sentimental, das figuras, e destramente recortada numa zona bairrista da velha colina do Castelo de São Jorge, a acção conduz-nos ao âmago da vida simples de uma família que vive honradamente do seu trabalho num lar pobre, mas confortável e acolhedor. À sua mesa de pensão, modesta

como os hóspedes, senta-se, entre outras, uma personagem cujo apelido Costa dá origem a um trocadilho que o autor aproveitou a graça peculiar para cognominar o protagonista - “O Costa do Castelo”: Um boémio que desfruta a vida consoante os prazeres que lhe oferece como professor, a sua dilecta guitarra. É um homem que esbanja generosamente a sua alegria, lirismo e optimismo pelos que vivem à sua volta. Ele é o anjo bom, a piada sadia do bairro e daquele lindo lar humilde, onde se desdobram a graça e o encanto da aventura de Luísa, uma rapariga pobre, órfã, cheia de sonhos e de ilusões que um dia viu o seu príncipe encantado na pessoa de um rapaz, o qual guiado pelo coração, decidira hospedar-se em casa dos protetores dela, onde ocultou o seu título brasonado sob o nome de Daniel, motorista de um ricaço. Não tarda porém, que se lhe descubra a verdadeira identidade. Revelara-a a tia dele, uma velha fidalga cujo coração, apesar de ter enviuvado, se conservava fiel ao amor de um antigo sargento de Lanceiros 2, que, afinal, é “O Costa do Castelo”. Um conjunto de circunstâncias, que não revelamos para não reduzir o palpitante interesse da intriga, força o nosso herói a transpor a porta do solar da fidalga. Após uma série de peripécias em que a graça e o disparate tomam conta do público. O Costa consegue, depois de explorar o sentimentalismo da sua antiga apaixonada, tornar felizes Luísa e Daniel e inundar de alegria o velho e quieto Palácio.

António Lourenço.



Filmografia de Arthur Duarte

“O Castelo de Chocolate (1923); “Os fidalgos da Casa Mourisca” (1938); “Férias à beira-mar” (1942); “O Costa do Castelo” (1943); “A estrada da Vida” (1943); “A Menina da Rádio” (1944); “É Perigoso Debruchar-se (1946); “O Hóspede do Quarto N 13” (1946); “O Leão da Estrela” (1947); “Fogo!” (1949); “O Grande Elias” (1950); “A Garça e a Serpente” (1952); “Parabéns Senhor Vicente” (1954); “O Noivo das Caldas” (1956); “Roma Portuguesa” (1957); “Dois Dias no Paraíso” (1957); “Barqueiros do Douro” (1959); “Encontro com a Vida” (1960); “Metropolitano de Lisboa” (1961); “Encontro com a Morte” (1964); “Recompensa” (1976)